

Webjornal-laboratório: uma necessidade didática

Maria Lúcia Becker¹

Resumo

O trabalho discute a importância de uma abertura maior de espaço na estrutura curricular e na infra-estrutura das instituições de ensino para o desenvolvimento da formação na área de jornalismo digital, ressaltando o papel dos órgãos laboratoriais no aprofundamento da relação teoria-prática. Faz uma sistematização da experiência com o webjornal-laboratório Notícia de Ponta, desenvolvido pelo curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa no segundo semestre de 2007, destacando os aspectos positivos do ponto de vista pedagógico, assim como aqueles em que a proposta inicial não se viabilizou. O objetivo é oferecer elementos em defesa da adoção do webjornal-laboratório como instrumento didático fundamental na qualificação profissional dos futuros jornalistas.

Palavras-chave: Webjornal-laboratório. Jornalismo digital. Formação profissional. Webjornalismo. Jornal-laboratório. Teoria-prática.

1 Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR (UEPG). Jornalista, Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP) e Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: mlbecker@uepg.br

Abstract

This paper discuss the importance of a larger space-opening in educational institutions' curricular structure and infra-structure for the development of education in digital journalism, reassuring the role of experimental vehicles in deepening the theory-practice relation. We systematize here the experience of the experimental online newspaper Notícia de Ponta, developed at the Journalism graduation course of the Ponta Grossa State University at the second term of 2007, bolding its positive aspects in a pedagogical point of view, as well as those in which the original proposal was not kept. Our goal is to offer elements in defense of the adoption of experimental online newspapers as a didactic instrumental which is fundamental in professional qualification of journalists-to-be.

Keywords: Experimental online newspaper. Digital journalism. Professional education. Webjournalism. Experimental newspaper. Theory-practice.

1. Introdução

A pesar de o jornalismo ter estreado na internet há mais de dez anos e de o webjornalismo ter conquistado, nesse período, um espaço próprio, a compreensão de que suas características configuram um saber-fazer diferente ainda carece de desdobramentos em estratégias pedagógicas satisfatórias do ponto de vista das perspectivas discentes e docentes. As dificuldades para se conseguir implementar um programa que dê conta tanto da capacitação técnica quanto de uma reflexão teórica abrangente – e, ao mesmo tempo, específica para a área – impõem aos professores desafios nos diversos níveis do seu trabalho.

Uma dessas dificuldades certamente diz respeito aos currículos, que tentam incorporar da melhor forma possível a nova

realidade. Poucas são até o momento, no Brasil, as instituições que contam com programas de ensino de jornalismo digital ou webjornalismo já consolidados. Entre elas, destaca-se o pioneirismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, que, em 1995, já oferecia um curso optativo de jornalismo digital e, em 1999, tornou a “Oficina de Jornalismo Digital” uma disciplina teórico-prática, de caráter obrigatório, com oito horas semanais de atividades (MACHADO e PALACIOS, 2007, p. 118).

Disciplinas teóricas relacionadas com novas tecnologias, novas mídias, cibercultura, ou mesmo com o nome específico de webjornalismo, eletivas /optativas ou obrigatórias, com carga horária de duas a quatro horas semanais, são encontradas com facilidade nos cursos de jornalismo. A ampliação dessas ementas e respectivas cargas horárias para incluir atividades práticas, porém, depende da conclusão de processos de experimentação e reflexão em andamento nas escolas. Isso porque o desafio não é apenas acrescentar à teoria alguns exercícios de análise de sites e de produção esporádica de reportagens ou mesmo a proposição de sites especializados. O que se coloca é a necessidade de implantação de pelo menos um webjornal-laboratório com a tarefa de simular a prática regular do webjornalismo, fazendo ao mesmo tempo, obviamente, o debate teórico e a crítica dessa prática.

Os jornais-laboratório foram criados oficialmente nos cursos de Comunicação Social dentro do que passou a ser chamado de Terceiro Currículo Mínimo, pela Resolução n^o 11/69 (antes disso, várias escolas já editavam órgãos laboratoriais), que prevê a

realização de “atividades profissionais” através de “práticas nos órgãos (ou mediante convênios com instituições correspondentes): '1. Jornal-laboratório; 2. Estúdio-laboratório (para rádio, TV e cinema); 3. Ateliê de Publicidade; 4. Escritório de Pesquisa de Opinião e de Mercado'” (MOURA, 2002, p. 86). Sua obrigatoriedade foi estabelecida pela Resolução n^o 03/78, que regulamenta a forma de realização dos trabalhos laboratoriais, discriminando, inclusive, os equipamentos mínimos necessários (LOPES, 1989, p. 23).

Em convergência com os dispositivos legais e mais preocupados com a qualidade do ensino, professores e alunos passaram a realizar, desde o início dos anos 1970, uma série de encontros regionais e nacionais com o propósito de discutir os “problemas de ordem conceitual, didática e operacional enfrentados pelos órgãos laboratoriais nos cursos do país” (LOPES, 1989, p. 15). As reflexões e debates foram amadurecendo o entendimento de que os objetivos dos órgãos laboratoriais situam-se em três níveis complementares: 1) **Reprodução da prática vigente** – porque é preciso simular as condições e contradições do trabalho nos veículos em circulação em cada momento; 2) **Reflexão e crítica** – para incorporar o exercício da crítica à rotina de produção do material jornalístico, pois o aluno não pode ser “levado apenas a reproduzir o modelo vigente” e não raciocinar “sobre suas estruturas, suas implicações políticas” (LOPES, 1989, p. 34); e 3) **Experimentação** – para “contrabalançar a reprodução dos padrões jornalísticos dominantes com a criação de novos modelos que possam constituir alternativas viáveis” (LOPES, 1989, p. 34).

Assim, no momento em que o exercício do jornalismo ganha uma nova modalidade – o jornalismo digital, mais expressivamente representado hoje pelo webjornalismo –, não é preciso recolocar todas as questões já formuladas e superadas em relação aos órgãos laboratoriais. Basta reconhecer que: 1) fazer jornalismo digital requer que as características de hipertextualidade, interatividade, multimídia, atualização contínua, personalização e memória/perenidade estejam presentes de forma articulada, aproveitando e desenvolvendo todas as potencialidades oferecidas pela internet e tecnologia digital em geral; 2) Se o jornal-laboratório é algo imprescindível na aprendizagem do jornalismo impresso, também o é, obviamente, no suporte digital.

Nesse contexto, pode-se aplicar hoje ao jornalismo digital, sem restrições, a afirmação feita por José Marques de Melo em 1984 quanto à necessidade de os cursos implantarem “laboratórios de jornalismo”:

Formar jornalistas, sem que lhes desperte o interesse pela análise crítica dos padrões vigentes na sociedade e sem que lhes forneça oportunidade de testar tais modelos em laboratórios e de criar alternativas inovadoras, é motivo de frustração generalizada na área [...] (MELO, apud LOPES, 1989, p. 33).

Dois grandes desafios colocados para a implantação e manutenção de órgãos laboratoriais tradicionais também precisam, contudo, ser superados no caso do jornalismo digital: a) A prática demais, prática estreita, sem reflexão a partir do embasamento teórico (MELO, apud LOPES, 1989, p. 33); e b) A prática de menos,

ou seja, a simulação apenas aparente da prática regular do jornalismo, como explica Gentili (2005):

Na realidade brasileira, as atividades experimentais em jornalismo, além de eventuais, ainda se apresentam, raras as exceções, ou com a reprodução acrítica do jornalismo como é praticado correntemente ou como experimentalismos desligados da realidade.

Com essa perspectiva, colocando em discussão a urgência de abertura do espaço necessário para o jornalismo digital na estrutura dos currículos e na infra-estrutura das instituições de ensino, o presente trabalho apresenta uma reflexão feita a partir da experiência com o webjornal-laboratório Notícia de Ponta, desenvolvida pelo curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no segundo semestre de 2007. A sistematização da experiência, destacando os aspectos pertinentes do ponto de vista pedagógico, assim como aqueles em que a proposta inicial não se viabilizou, tem o objetivo de oferecer elementos em defesa da adoção do webjornal-laboratório como instrumento didático fundamental, como se pretende discutir a seguir.

2. www.noticiadeponta.net

Após um semestre de aulas teóricas, cumprindo a ementa da disciplina “Webjornalismo”,¹ a discussão da proposta editorial de

¹“Transformações tecnológicas, suas conseqüências e a relação homem-técnica. Globalização, controle informacional, cibercultura e sociabilidade. Especificidades do jornalismo on-line.

um webjornal-laboratório desembocou na aprovação do título Notícia de Ponta, em meio a outras 18 indicações, pela turma do terceiro ano do curso de Comunicação Social-Jornalismo da UEPG. Como a disciplina de Webjornalismo conta com apenas duas horas semanais, para viabilizar a atividade laboratorial juntou-se a ela uma disciplina de “Seminários”, com três horas e ementa abrangente o suficiente para permitir a concentração da reflexão teórica e análise crítica do produto.² Assim, durante todo o segundo semestre, foi possível trabalhar com cinco horas de atividades prático-teóricas relacionadas diretamente ao jornal-laboratório.

Com o propósito de envolver os alunos não somente na produção jornalística, mas igualmente na publicação do material – e na impossibilidade de se trabalhar no desenvolvimento de uma plataforma própria de gestão de conteúdos –, optou-se pela adoção de um CMS (Content Management System) concebido e disponibilizado sob a licença GNU/GPL (General Public License), o Joomla! (www.joomla.org), um software (livre) de fácil operação, adequado e eficaz para o desenvolvimento do chamado jornalismo digital em base de dados.³ Essa opção, no entanto, inviabilizou a

Texto, interatividade e multimidialidade. Deontologia do webjornalismo” (DECOM-UEPG. Ementas currículo 2005).

²“Disciplina de caráter flexível, que pode se desdobrar em temas, pesquisas, estudos de caso, acompanhamento e análise da produção jornalística ou mesmo laboratorial, de modo a complementar as atividades previstas nas disciplinas regulares”(DECOM-UEPG. Ementas currículo 2005).

³ MANOVICH (2005, p. 283) explica que “base de dados” se define como um conjunto estruturado de dados: “os dados nela armazenados estão organizados para a sua rápida busca e recuperação com o computador, pelo que se trata de uma mera coleção de elementos. Os distintos tipos de bases de dados – hierárquicas, em rede, relacionais e por objetos – empregam modelos diferentes de organização dos dados”.

hospedagem do site pela própria UEPG, que trabalha com o sistema operacional Windows, não compatível com o uso do sistema de gerenciamento de banco de dados MySQL exigido pelo Joomla. A alternativa de trabalhar com os sistemas utilizados pela universidade foi considerada, mas implicaria fazer todas as operações relacionadas ao site usando exclusivamente os computadores da rede interna da UEPG. Diante disso, a solução foi registrar um domínio próprio (www.noticiadepona.net), que acabou sendo internacional – pois todos os domínios nacionais com o nome *noticiadepona* já estavam ocupados –, contratando-se os serviços de hospedagem junto a um servidor comercial.

Decidido o nome e encaminhado o planejamento editorial, uma equipe da turma elaborou uma proposta de design e navegabilidade, implementada pelo técnico que fez a customização do sistema, colocando o site no ar no período de 26 de setembro a 29 de novembro de 2007. Como o projeto não contou com recursos financeiros para o pagamento de qualquer despesa, nem mesmo as do suporte técnico, este acabou sendo feito de forma voluntária, esporádica e limitada, resultando na permanência de muitos problemas do primeiro ao último dia de atualização do site. Mesmo assim, nos dois meses em que esteve em operação, o jornal veiculou 52 edições (com pelo menos uma nova notícia ou reportagem em cada atualização diária – de segunda a sexta – e a publicação de grandes reportagens nos finais de semana, sempre com editorial e

enquete relacionados ao tema), num total de 72 notícias e reportagens, 8 editoriais e 8 enquetes.

2.1.Proposta editorial

Tendo presentes as seis características básicas do jornalismo digital (hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, atualização contínua, personalização e memória/perenidade), a discussão da proposta editorial foi feita e refeita durante três semanas (15 horas-aula), num processo de constatação, por parte da turma, de que a definição de um aspecto implicava diretamente alguns outros, que, por sua vez, estavam na dependência dos demais. Assim, a opção por um veículo local, dirigido aos moradores da cidade de Ponta Grossa, em vez de um veículo segmentado, dirigido apenas à comunidade universitária da UEPG, foi feita com base na avaliação de que, em termos de quantidade e qualidade das pautas, a cidade poderia oferecer mais possibilidades de trabalho para um veículo com atualização diária.

Já a periodicidade foi decidida com base no “possível”, tendo em vista o “ideal” previsto pela característica de atualização contínua do jornalismo digital: como as condições (curriculares, humanas, técnicas, financeiras) do órgão laboratorial não permitiam pensar no funcionamento em tempo real, ao menos se deveria estabelecer uma estratégia que desse alguma noção da velocidade das redes. Nesse sentido, o sistema de gerenciamento de conteúdo adotado ajudou, pois contém um dispositivo para

“agendar” a publicação, ou seja, as matérias podem entrar no ar automaticamente de acordo com a agenda estabelecida pelo editor, independentemente de quando foi postada na interface “backend” do sistema. Com isso, a atualização diária fica garantida, dando dinamicidade ao veículo, mesmo que no âmbito da produção persistam os contratempos “comuns” da rotina dos laboratórios de jornalismo.

Quanto ao conteúdo, configurou-se de acordo com as possibilidades e afinidades da turma. Composta por 41 alunos, formaram-se seis equipes, uma vez que a previsão era de seis atualizações por semana. Essa estrutura acabou determinando os blocos temáticos de abrangência das pautas, optando-se pela seguinte distribuição: 1) Cultura (incluindo lazer e entretenimento); 2) Esportes; 3) Cidade (incluindo política, bairros e polícia); 4) Meio ambiente (incluindo rural e turismo); 5) Comportamento; e 6) Economia. Cada bloco temático passou a ocupar o espaço de uma seção do site, localizada no menu principal, na coluna da esquerda da home.

Ressaltando a importância de uma das principais características do webjornalismo, a hipertextualidade, foi dada prioridade quase absoluta à produção de notícias e, principalmente, de reportagens, pois estes são os dois gêneros que melhor permitem exercitar tanto o texto no modelo de blocos seqüenciais (um único texto, com várias “entradas”, feitas através de intertítulos, em que o leitor vai rolando a página) quanto no modelo de blocos com links (vários textos, articulados por meio dos títulos-links, oferecendo ao

leitor a possibilidade de fazer seu próprio caminho de leitura). As seções de artigos e crônicas publicaram material produzido pelas disciplinas “Produção em jornalismo opinativo” (ministrada também aos alunos do terceiro ano) e “Redação jornalística II” (ministrada aos alunos do segundo ano).

Na tentativa de criar mecanismos de interatividade, a proposta inicial era de trabalhar o editorial como um texto curto, publicado no formato de blog. Tendo o mesmo tema da grande reportagem publicada no sábado, o objetivo seria promover o debate de assuntos importantes para a comunidade durante toda a semana seguinte. Porém, devido a problemas técnicos, isso não se viabilizou.⁴ A interatividade ficou, então, apenas por conta da enquete, que buscou envolver os usuários na discussão de aspectos polêmicos dos temas das reportagens, sendo publicada sempre na coluna do lado direito da home e mantida no ar durante uma semana.

Quanto à multimídia, a proposta foi trabalhada dentro do entendimento da importância da construção da linguagem multimídia. Assim, em vez da disponibilização de canais de rádio e televisão, a tentativa foi de exercitar o desenvolvimento do que Concha Edo (2007, p. 13) chama de “linguagem múltipla”. Trata-se da idéia, ainda incipiente nos vários veículos noticiosos presentes na

⁴ A espera pela instalação de um módulo específico dentro do sistema Joomla, que acabou não dando certo, impediu a implementação de uma solução alternativa: a produção de um blog independente com os editoriais, fazendo-se a linkagem dentro do site Notícia de Ponta, a exemplo do que fez o projeto “Educação em Pauta” ao disponibilizar no seu site o link <http://blogdaeducacaoempauta.blogspot.com> (SCHWINGEL, 2007, p. 182).

rede, de fazer não a justaposição de conteúdos que se repetem em texto, áudio e/ou vídeo, mas o planejamento e a composição do conjunto multimídia por meio de peças que se complementam, cada uma pensada segundo o código que melhor expresse as suas especificidades – por exemplo, dentro de uma webreportagem há conteúdos que só alcançam todo o seu potencial de expressão em áudio, e há os que precisam da imagem (parada ou em movimento), além daqueles para os quais a forma escrita é fundamental. Essa foi, no entanto, outra proposta que não se viabilizou, dada a falta de recursos técnicos – tanto os equipamentos (câmeras mini-DV e gravadores, ilhas de edição etc.) quanto os técnicos encontram-se alocados no segundo semestre nas disciplinas práticas de rádio e televisão, assim como nos projetos experimentais para conclusão de curso. Mesmo assim, alguma coisa acabou sendo feita, seja com o material produzido para outras disciplinas (duas reportagens com vídeos e uma com áudio), seja com vídeo capturado no portal YouTube (imagens que complementaram uma entrevista da seção de esportes).

2.2. A dinâmica de produção

Para agilizar a produção, uma vez que as cinco horas-aula semanais tinham de ser suficientes para as atividades práticas e teóricas, decidiu-se que as reuniões de pauta, assim como todo o encaminhamento da rotina de trabalho, ficariam restritos ao âmbito de cada equipe (editoria). A partir das decisões internas dos grupos

(distribuição de pautas de notícias e reportagens, elaboração de editoriais e enquetes, responsabilidades quanto à entrega etc.) foi montado um cronograma geral, prevendo para os dois meses de operação do site todas as atividades a serem realizadas pelas equipes. Com a participação dos secretários de redação indicados pelas equipes, foram elaboradas várias planilhas, contendo desde as datas de envio da primeira versão dos textos até a previsão de postagem de cada material pronto, assim como as quantidades e tipos de matérias a serem produzidas em cada uma das equipes até o final do ano.

Com a impossibilidade de se discutir e retrabalhar cada texto durante as aulas, todo o material passou a ser enviado para o e-mail da professora, que fazia observações, solicitando alterações, correções e complementações. Como a turma já havia passado por várias disciplinas de redação jornalística e, inclusive, pela experiência do jornal-laboratório impresso, não se apresentaram grandes dificuldades no que diz respeito ao texto em geral. Os problemas ficaram localizados nas especificidades da redação jornalística para a web: muitas vezes os textos iam e voltavam três ou quatro vezes até atenderem minimamente os requisitos básicos do veículo. Além da superação da “herança do impresso”, outro desafio importante na produção para o webjornal foi vencer algumas “tentações” no trabalho de apuração, ficando com a edição e publicação as tarefas menos complicadas do processo, como se verá a seguir.

2.2.1 Apuração

Uma das mudanças importantes no jornalismo trazidas pela internet foi a inversão no processo tradicional de produção de notícias, “porque o repórter antes de sair em perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem”, explica Machado (2003, p. 31). Isso faz com que o jornalismo possa se livrar da “síndrome das declarações”. A pesquisa na rede passa, então, a otimizar a realização da observação *in loco* dos acontecimentos e as entrevistas, pois oferece subsídios para a preparação da coleta de informações na chamada “ida a campo”.

O problema começa a surgir quando é constatada a possibilidade de se fazer jornalismo exclusivamente no interior das redes, no entendimento de que “todas as etapas do sistema jornalístico de produção – desde a pesquisa e apuração até a circulação dos conteúdos” (MACHADO, 2003, p. 22-23) – podem ficar circunscritas às fronteiras do ciberespaço. Problema, porque surge aí a tentação de se passar a fazer exclusivamente o chamado “jornalismo sentado”. Ou seja, em vez de usar a rede para vencer os limites impostos pelas distâncias físicas, passando-se a acessar documentos ou mesmo fontes primárias, consultadas a baixo custo por meio do correio eletrônico, para noticiar fatos ocorridos em outros lugares do país ou do planeta, como defende Machado (2003, p. 33), a tentação é passar a fazer exatamente o que a rede

possibilita evitar: a transcrição de conteúdos de agências de notícias, de *releases* e outros materiais produzidos por assessorias de imprensa, quando não de textos publicados em outros sites.

Já no início da produção para o Notícia de Ponta, detectada a tendência, uma aula foi utilizada inteiramente para debater as diferenças entre a exploração máxima do potencial da internet para a melhoria da qualidade da produção jornalística, a extensão equivocada dos métodos do “jornalismo sentado” a todo e qualquer tipo de cobertura, a cópia de *releases* e material de agência e a prática do plágio. Como enfatiza Erik Neveu (2006, p. 83), caracterizando os *processors* (em francês *assis*, sentado) como aqueles que fazem “o tratamento de um material informacional que não produziram” e os *gatherers* (em francês *debout*, de pé), como aqueles que coletam informações por meio da ida a campo,

[...] a onda crescente de informação produzida pelas fontes, a enorme quantidade de produtos oferecidos pelas agências de notícias levam para o escritório dos *processors* todo um material pronto para publicar. Sem eliminar as diferenças, esse processo deixa a fronteira coleta/tratamento da informação mais imprecisa no cenário de um jornalismo cada vez mais “sentado”.

Nesse ponto, foi importante fazer a distinção entre o uso eventual do e-mail e do telefone para entrevistas, ou mesmo dos portais orkut e YouTube para complementar um processo de apuração – quando se verifica a impossibilidade do acesso direto a fontes e locais do acontecimento – e o simples tratamento de

material de agência e de *releases* por meio de um “empacotamento” para publicação.

2.2.2 Redação

No jornalismo digital em base de dados, um sistema de publicação (ou Sistema de Gerenciamento de Conteúdo, em inglês CMS) oferece muitas facilidades para formatação e publicação, mas também impõe uma série de limitações. No caso da *home* e, dependendo da configuração também em outros setores do site, o tamanho dos títulos, *teasers* e legendas não pode extrapolar o previsto pelo sistema, do contrário o design das páginas fica completamente comprometido. Assim é que o Manual do jornal *Último Segundo*, do portal IG, por exemplo, determina que a manchete seja “escrita em uma linha, com título estilo 'chapéu' sempre composto de mais de uma palavra”. Logo abaixo vêm seis chamadas, divididas em duas colunas, sendo cada uma “escrita em duas linhas de mesmo tamanho (sem deixar espaço em branco), com título estilo 'chapéu' sempre composto de mais de uma palavra” (Manual ..., 2007).

Pela mesma razão, no *Notícia de Ponta* definiu-se desde o início dos trabalhos que os títulos para a *home* deveriam ter entre 45 e 55 caracteres, os títulos que abrem a matéria entre 55 e 65 caracteres, o *teaser* entre 350 e 400 caracteres, e as legendas das fotos entre 40 e 50 caracteres. Quanto aos textos, no caso do modelo

de blocos com links, em que o leitor não rola a página, deveria ficar entre 1.400 e 1.500 caracteres.

A orientação inicial foi de que, ao ser elaborada a pauta e, principalmente, ao final do processo de apuração, cada repórter deveria traçar um esboço da configuração final a ser adquirida pelo material na página, ou seja, planejar a chamada estrutura de relevância. De acordo com o conteúdo a ser reportado, deveria se proceder à escolha do modelo de narrativa a ser trabalhado:

a) no caso de notícias, a opção poderia ser a de um texto único, com entretítulos, de forma a propiciar várias entradas ao leitor, ou de um texto inicial, com as informações básicas do lead, acrescentando-se dois ou três outros blocos (por meio de links intratextuais) com outros aspectos relevantes ou ângulos diferentes do fato;

b) no caso das reportagens, deveriam ser compostas por cinco ou mais blocos de texto, juntando-se a eles algum elemento multimídia (áudio e/ou vídeo), ou, pelo menos, uma galeria de fotos.

Entre os passos mais significativos dados no exercício da redação, no que diz respeito à relação teoria-prática, dois se destacam. O primeiro e principal foi o estabelecimento da noção de que, das muitas possibilidades oferecidas pela tecnologia digital e pelas redes telemáticas, quatro delas não somente interferem, mas condicionam a redação jornalística e a relação com os usuários: hipertextualidade, multimidialidade, interatividade e instantaneidade.

Com a hipertextualidade, o leitor passa a ter a prerrogativa de compor a sua própria pirâmide invertida. Em vez de o jornalista

impor uma ordem decrescente de importância aos diversos elementos do texto (primeiramente as respostas às questões “o quê”, “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “por quê”, depois as informações complementares), oferece ao leitor diversas entradas no conteúdo, de forma que ele possa decidir o eixo de desenvolvimento da leitura de acordo com os interesses despertados durante o contato com as “amostras” (definidas pela titulação – títulos, ante-título ou “chapéu”, subtítulo, intertítulos, *teaser*, títulos-links) do conjunto de informações disponibilizadas.

A multimídia, por sua vez, exige da titulação a árdua tarefa de direcionar a exploração dos recursos multimídia oferecidos ao usuário. Ele vai optar por acessar o áudio, vídeo, galeria de fotos, *slideshow*, infográfico ou outro recurso que faz parte de uma notícia ou reportagem se estiver convencido de que isso de fato vai complementar, esclarecer, ou sintetizar o conteúdo, e o convencimento se desdobra, então, em motivação.

Já a interatividade, antes de ser o diálogo do usuário com o veículo ou com outros usuários por meio do veículo, é o diálogo do usuário com o próprio conteúdo disponibilizado e consigo mesmo diante dos múltiplos pontos de atração pelos quais se vê instado a optar. Um grau maior ou menor de interatividade, ou o estabelecimento de uma interatividade um pouco mais ou um pouco menos profícua, portanto, depende diretamente da titulação.

Quanto à instantaneidade ou atualização contínua, em primeiro lugar cabe lembrar que as possibilidades oferecidas pela tecnologia de rede implicaram a inclusão de uma espécie de

“gravata” obrigatória (de inserção automática por parte da maioria dos softwares de publicação) em todas as matérias. Logo abaixo do título, uma linha apresenta o dia, mês, hora, minuto e, em alguns veículos, até o segundo de publicação ou atualização do conteúdo. Trata-se, no entanto, do tempo da veiculação e não da ocorrência do fato. A articulação dessas duas coisas é tarefa da titulação. Tendo-se em conta, porém, que a “gravata” com dia e horário cumpre a função de contextualizar o usuário no caso de acesso a material de arquivo ou a conteúdos originados em fusos horários diferentes, tornou-se norma a redação de títulos noticiosos com a utilização dos recursos de atualização (tempo presente, com voz ativa), como se pode ver nos portais e sites jornalísticos em geral. E essa foi a norma estabelecida também no Notícia de Ponta.

Nesse contexto, o outro grande passo dado no decorrer do trabalho laboratorial foi a compreensão de que é preciso desenvolver a habilidade de selecionar informações. Sem isso, não se faz webjornalismo. No processo de elaboração de títulos, antetítulos, subtítulos, intertítulos e *teasers*, percebeu-se que o segredo é escolher sempre os elementos mais significativos da notícia (ou reportagem, ou artigo ...), dando prioridade aos aspectos que podiam tornar o assunto mais interessante aos olhos do leitor (no caso de um cidadão de Ponta Grossa, puxando para o *teaser* os elementos que pudessem dar a ele essa proximidade, mesmo que o assunto fosse nacional ou mundial).

2.2.3 Edição e publicação

Na dinâmica de produção do Notícia de Ponta não se trabalhou com equipe de editores, como é comum acontecer no caso de jornal-laboratório impresso. Cada repórter entregava todo o seu material já editado, pronto para a publicação. A medida foi tomada em função da importância de todos desenvolverem ou aperfeiçoarem ao máximo as habilidades exigidas pela edição.

Mesmo assim, algumas vezes sobrava para o secretário de redação (indicado pelo grupo, semanalmente, com o papel de zelar pelo cumprimento do cronograma de produção e, principalmente, de postar o material no site) fazer alguma alteração em títulos, legendas ou *teasers*. E essa foi uma experiência importante: visualizar, na tela, o conjunto do conteúdo já formatado e perceber, por exemplo, a repetição de informações nos títulos, *teaser* e subtítulo. Na velocidade da rede, vale lembrar, é preciso oferecer o maior número de informações no menor espaço/tempo possível, pois é a informação que segura o usuário.

A publicação do material, por sua vez, foi a tarefa considerada menos complicada pela turma. Como o CMS escolhido conta com uma interface de trabalho extremamente amigável, uma única postagem com acompanhamento da professora era suficiente para cada aluno dominar o sistema, de forma que, até o final do ano, todos puderam passar pela experiência de formatar e publicar – em poucos minutos – a produção do seu grupo.

3. Limites e perspectivas

A título de conclusão, é preciso dizer, em primeiro lugar, que a experiência esbarrou nas limitações da estrutura curricular: a implementação do webjornal-laboratório apenas no segundo semestre e não desde o início do ano (já que a disciplina “Webjornalismo” é anual) não foi o ideal e sim o possível diante do fato de: a) a turma não ter passado antes por pelo menos uma outra disciplina preparatória, sendo necessário trabalhar alguns pontos teóricos gerais antes de se iniciar a prática; b) a disciplina Telejornalismo II, com a parte prática de TV, situar-se no segundo semestre, sendo este um pré-requisito para a produção da linguagem multimídia.

A solução, nesse caso, seria deslocar a produção laboratorial em jornalismo digital para o quarto ano do curso, mantendo-se uma disciplina de caráter teórico-prático no terceiro ano, com carga horária de 8 horas semanais, a exemplo do que faz a Faculdade de Comunicação da UFBA,⁵ já citada anteriormente. Além disso, deveria ser incluída no segundo ano uma outra disciplina, de caráter mais geral, para trabalhar a relação entre comunicação e tecnologia e todos os conceitos na área da cibercultura.

Sobre a necessidade de pré-requisitos disciplinares, vale trazer o exemplo do ciberjornal-laboratório JornalismoPortoNet, feito pela Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto (Portugal), que deu ao ciberjornalismo o

5 Cf. Manual de laboratório de jornalismo na internet (PALACIOS e RIBAS, 2007).

mesmo status das áreas tradicionais (impresso, rádio e TV), preparando os alunos desde o primeiro ano do curso para o exercício do jornalismo digital e, assim, conseguindo trabalhar corretamente a relação teoria-prática na produção laboratorial:

Sendo o JornalismoPortoNet um ciberjornal criado em meio acadêmico, a nossa principal preocupação foi pôr em prática técnicas redactoriais adequadas a este meio, seguindo a mais recente literatura sobre a matéria. Para tal, beneficiámos do facto de os alunos terem tido uma formação sólida em Ciberjornalismo, área em que a Universidade do Porto se destaca em Portugal, pelo estatuto que lhe deu no plano curricular, equiparando-a às áreas tradicionais do Jornalismo (Imprensa, Rádio e Televisão). Desde o primeiro ano do curso que os alunos tomam contacto com o Jornalismo Online e o Ciberjornalismo, aperfeiçoando aptidões no segundo e terceiro anos, o que lhes permite chegar ao último ano com um bom domínio quer de ferramentas quer de técnicas ciberjornalísticas (ZAMITH et al, 2006, p. 14).

Apesar das dificuldades, os resultados da experiência com o webjornal-laboratório podem ser considerados positivos. Como dizem os portugueses, “a necessidade aguça o engenho” (ZAMITH et al, 2006, p. 12). No caso do Notícia de Ponta, pode-se dizer que a dinâmica de publicação do material produzido aguçou a motivação de produzir nos alunos, o que resultou em um desenvolvimento de compreensões e habilidades que dificilmente se daria sem a vivência possibilitada pelo envolvimento no processo.

Outros dois fatores de motivação foram (1) as discussões feitas em sala, relacionando teoria e prática, com exemplos do

próprio jornal e de outros veículos em circulação na rede; e (2) as discussões pontuais, em cima de cada situação – seja do trabalho de titulação, seja do planejamento e redação dos textos em geral – feita por e-mail durante os dois meses de produção do jornal-laboratório.

4. Referências bibliográficas

EDO, Concha. “El language y los géneros periodísticos en la narrativa digital”. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital de Terceira Geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007, p. 7-22. Disponível em: http://labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf. Acesso em: 15 set. 2007.

GENTILLI, Victor. Jornalismo, a pesquisa e o ensino. **Observatório da Imprensa**, 2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.br/artigos.asp?cod=346DACo02> Acesso em: 10 fev. 2007.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MACHADO, Elias et. al. “Plataforma Panopticon: um jornal laboratório, multi-usuário e descentralizado”. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (Orgs.). **O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 117-128.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador, BA: Calandra, 2003.

MANOVICH, Lev. **El language de los nuevos médios de comunicación: La imagen en la era digital**. Barcelona: Paidós Comunicación, 2005.

MANUAL DO ÚLTIMO SEGUNDO, versão 1.2. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/manual/Manual_Ultimo_Segundo_1_ponto_2.pdf Acesso em: 11 nov. 2007.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de Comunicação Social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PALACIOS, Marcos; e RIBAS, Beatriz. **Manual de laboratório de jornalismo na internet**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SCHWINGEL, Carla. “Sistemas de publicação no jornalismo digital: o portal regional experimental Educação em Pauta”. In: MACHADO, Elias; e PALACIOS, Marcos (Orgs.). **O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 177-188.

ZAMITH, Fernando et al. **O ciberjornal como instrumento de ensino: da teoria à prática**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-ciberjornal.html> Acesso em: 25 out. 2007.